SMALL VOICES Big Dreams 2019

RECORTE BRASIL

ChildFund Brasil
Fundo para Crianças

SMALL VOICES
BigDreams
2019

26% das crianças acreditam que **suas opiniões** não são consideradas.

67% dos entrevistados não se sentem suficientemente **protegidos** contra a violência.

90% dos entrevistados rejeitam o **castigo físico** como forma de educação.

94% das crianças consideram assediar ou enganar uma criança pela **internet**, como forma de violência.

Nas **ruas** de suas comunidades, na **internet** e em **transporte público** são os locais que as crianças se sentem menos seguras.

A **mãe** é considerada o principal **agente de proteção** das crianças.

Segundo as crianças, as **principais causa da violência infantil** são:

1. Incapacidade de defesa das crianças.
2. Falta de conhecimento do direito das crianças.
3. Perda do autocontrole dos adultos, devido ao uso de substâncias.

3% Menos de **3%** das crianças sentem que os **políticos** cumpre seu papel de proteger as crianças

94% **94%** das crianças acreditam que os adultos devem ouvir mais as crianças.

Participaram da pesquisa **722** meninos e meninas, de **10** a **12** anos.

RECORTE BRASIL

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO ---------- 4
2. DIREITOS DAS CRIANÇAS E VIOLÊNCIA CONTRA AS CRIANÇAS ---------- 6
2.1. Seus direitos são reconhecidos? ---------- 6
2.2 Direitos das crianças, uma tarefa compartilhada? ---------- 7
3. MANIFESTAÇÕES DA VIOLÊNCIA E SUAS CAUSAS ---------- 10
3.1 As causas da violência ----------10
3.2 Tipos de violência e suas consequências ----------12
4. PERCEPÇÃO DE RISCOS E PROTEÇÃO DA VIOLÊNCIA ----------15
4.1. Espaços em que ocorre a violência ----------15
4.2. Agentes de proteção e agressores ----------17
5. BEM-ESTAR SUBJETIVO ----------23
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS ---------- 26

1. INTRODUÇÃO

A Convenção sobre os Direitos da Criança (CDC), instrumento de direitos humanos ratificado por 196 países e, portanto, o mais acolhido na história universal, define violência contra crianças como "todas as formas de violência física ou mental, lesão ou abuso, negligência ou tratamento negligente, maus-tratos ou exploração, incluindo abuso sexual.''

No Brasil, o artigo 227 da Constituição Federal e o Estatuto da Criança e do Adolescente são instrumentos que estabelecem medidas de assistência e proteção à criança e ao adolescente em situação de violência A legislação define as situações de violência contra crianças, como:

I – violência física, entendida como a ação infligida à criança ou ao adolescente que ofenda sua integridade ou saúde corporal ou que lhe cause sofrimento físico;

II – violência psicológica;

III – violência sexual, entendida como qualquer conduta que constranja a criança ou o adolescente a praticar ou presenciar conjunção carnal ou qualquer outro ato libidinoso, inclusive exposição do corpo em foto ou vídeo por meio eletrônico ou não;

IV – violência institucional, entendida como a praticada por instituição pública ou conveniada, inclusive quando gerar revitimização.

Nesse sentido, a violência assume muitas formas distintas, reconhecidas claramente ou de maneira sutil, de modo que nenhuma criança pode ser considerada imune à violência. No Brasil, mesmo diante de significativas diferenças socioeconômicas, de gênero e religião, o problema da violência contra crianças ultrapassa barreiras e acontece em todo o país e suas consequências são percebidas em dimensões importantes da vida das crianças. Diante disso, conforme prevê a Convenção e o Estatuto da Criança e do Adolescente,todas as crianças têm direito a proteção adequada contra todo e qualquer tipo de violência.

O presente estudo visa apresentar os resultados decorrentes da pesquisa Small Voices Big Dreams 2019 (SVBD), desenvolvida pelo ChildFund Brasil, que tem como principais objetivos: gerar consciência e mobilização por parte da opinião pública em relação à questão da violência contra crianças, bem como promover às crianças uma oportunidade para que seus pontos de vista sejam ouvidos. Entende-se que as crianças podem e devem participar ativamente da tomada de decisões sobre assuntos relacionados à violência.

Nesta edição da SVBD, a pesquisa revela dados representativos a nível nacional, em que foram entrevistadas 781 crianças de 10 a 12 anos de diferentes condições de vida e realidade sociocultural no Brasil. Dos 781 entrevistados, 59 crianças participaram das entrevistas em grupo nos municípios de Belo Horizonte e Minas Novas, em Minas Gerais, Caucaia, na região metropolitana de Fortaleza e Cariri, no estado do Ceará, sendo 39 meninas e 20 meninos. Vale ressaltar que houve uma distribuição equilibrada de respostas por idade.

Portanto, segue análise das percepções sobre a violência contra crianças em todas as suas dimensões.

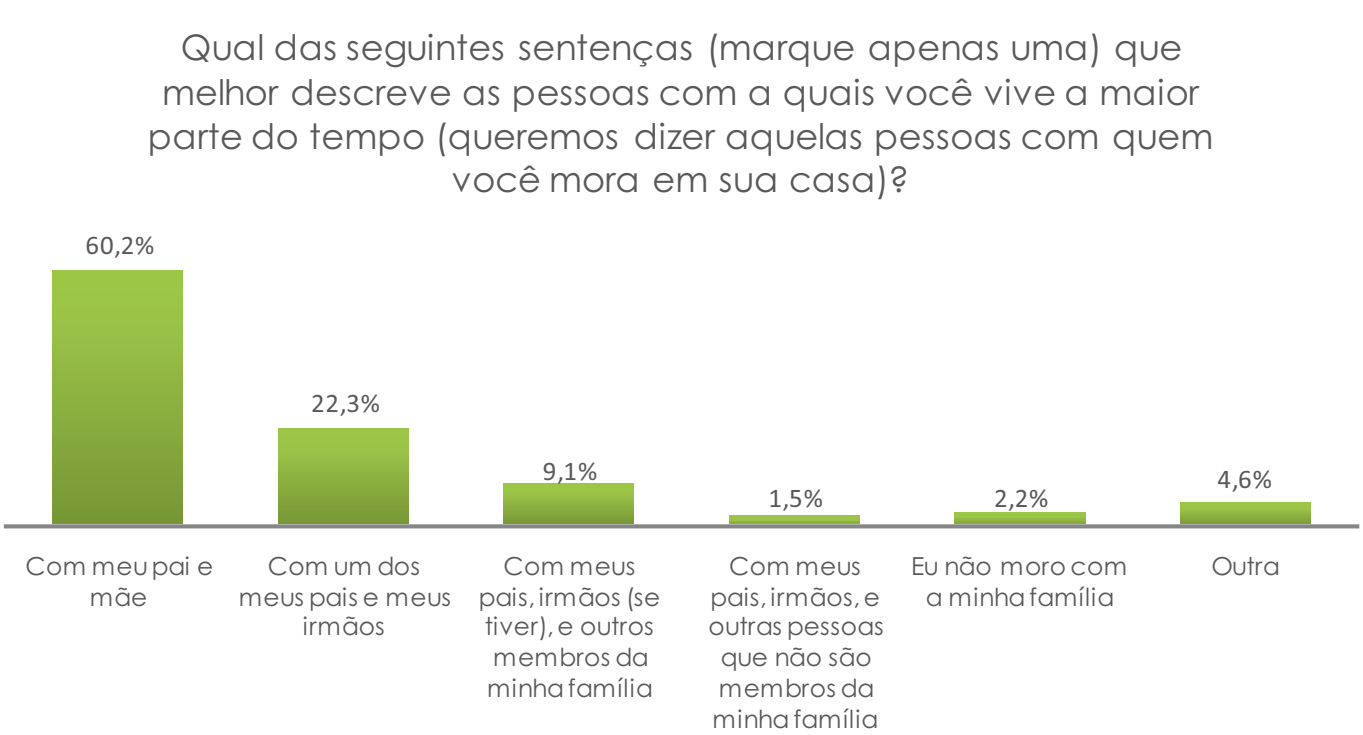
Sobre a proporção de respondentes por gênero, a pesquisa quantitativa foi respondida por 53% dos entrevistados que se identificam como meninos e 47%, como meninas, conforme gráfico 1.

Gráfico 1 – Definição de identidade

Com relação à naturalidade dos entrevistados e dos seus pais, a totalidade nasceu no mesmo país em que vive. No que se refere à situação da família das crianças entrevistadas, a maioria, cerca de 60%, afirmou que vive, na maior parte do tempo, com pai, mãe e irmãos, conforme gráfico 2.

A categoria outra se refere às situações familiares que são distintas das apresentadas acima, como, por exemplo, quando a criança não reside com os pais, entretanto mora com apenas algum membro da família como tios, avós, madrastas e padrastos.

Gráfico 2 – Situação Familiar



2. DIREITOS DAS CRIANÇAS E VIOLÊNCIA CONTRA AS CRIANÇAS

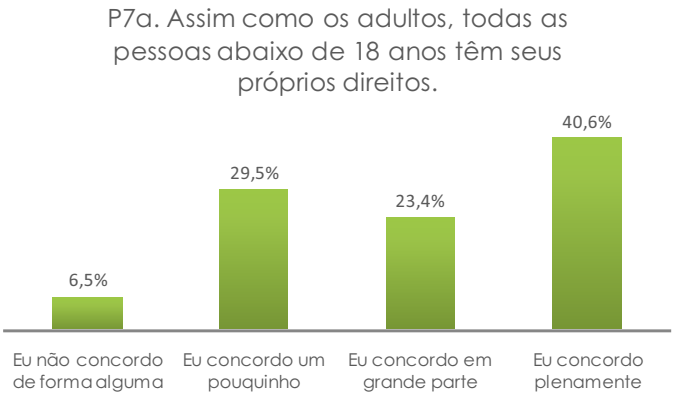
A prevenção e o combate da violência contra crianças exigem o reconhecimento e o respeito pelos direitos das crianças como indivíduos capazes de agir de forma autônoma e eficaz diante de situações que os afetam diretamente. Nesse sentido, é de fundamental importância que tanto crianças quanto adultos conheçam e promovam esses direitos no seu convívio social.

Nesta seção, a violência é abordada utilizando uma perspectiva pautada em direitos humanos, revelando a percepção das crianças sobre seus próprios direitos e até que medida eles são reconhecidos e respeitados pela população adulta.

2.1. Seus direitos são reconhecidos?

Em termos gerais, as crianças reconhecem seus direitos. A grande maioria concorda com afirmação de que todas as pessoas abaixo de 18 anos têm seus próprios direitos, sendo que 41% dos respondentes alegaram que concordam plenamente. Apenas, 6,5% das crianças afirmaram que não concordavam de forma nenhuma com essa premissa, conforme aponta o gráfico 3.

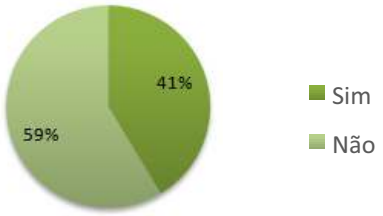
Gráfico 3 – Reconhecimento de direitos



No entanto, aproximadamente 60% das crianças entrevistadas não sabem do que se trata a Convenção sobre os Direitos da Criança, gráfico 4.

Gráfico 4 – Convenção sobre os Direitos da Criança

Você já ouviu falar da Convenção dos Direitos da Criança?



2.2. Direitos das crianças, uma tarefa compartilhada?

No que se refere ao conhecimento e respeito dos direitos das crianças e adolescentes por parte dos adultos, 87% das crianças concordam, em alguma medida, que eles respeitam os seus direitos. Destaca-se que dentre os 87%, 46% concordam pouco e apenas 16% das crianças concordam plenamente com o fato de que os adultos reconhecem e respeitam seus direitos."As crianças devem se unir e os adultos devem aconselhar e proteger." (Criança, Belo Horizonte, 2019)

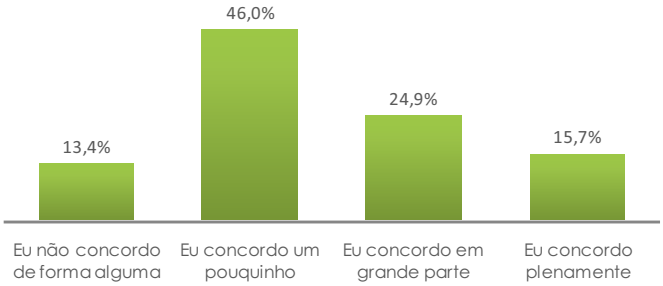
Nas entrevistas em grupo, as crianças afirmam que nadajustifica práticas de violência contra crianças e que seus direitos não sejam reconhecidos. Elas citam o exemplo dacorreção "educativa" dos pais que, muitas vezes, é feita mediante agressão físicacomo uma atitude equivocada que violaos direitos das crianças. Conforme depoimentos seguintes, as crianças entendem seus direitos como uma tarefa compartilhada, tanto para adultos quanto para crianças.

> "As crianças devem se unir e os adultos devem aconselhar e proteger."
> *(Criança, Belo Horizonte, 2019)*

> "Porque tipo, se eu repetir de ano [...], aí meu pai chega pra mim e diz: "você está de castigo". Aí eu digo está bom, só que aí se ele vier com agressão, eu estou errado por não ter me dedicado e ele está errado por ter me batido fisicamente".
> *(Menina, 11 anos CARIRI, 2019)*

Gráfico 5 – Reconhecimento dos direitos das crianças

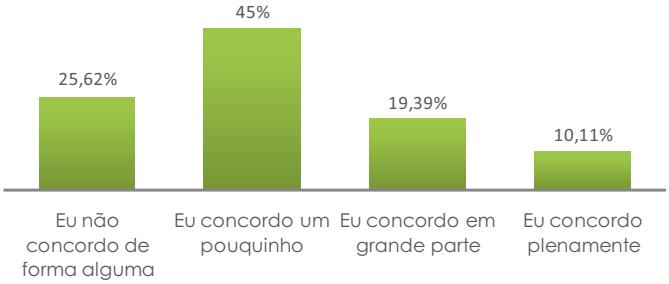
P7b. Em meu país, os adultos conhecem e respeitam os direitos de crianças e adolescentes.



Para 74,5% dos entrevistados, em seu país, a opinião de crianças da sua idade é ouvida em questões que lhes dizem respeito. Ressalta-se que 45% concordamum pouco com essa afirmação, conforme apresentado no gráfico6, e para 26% das crianças,as opiniões infantis não são consideradas no Brasil.
As entrevistas em grupo demonstraram que não basta só ouvir as opiniões das crianças, os adultos devem acreditar no que elas relatam e tomar medidas diante disso.

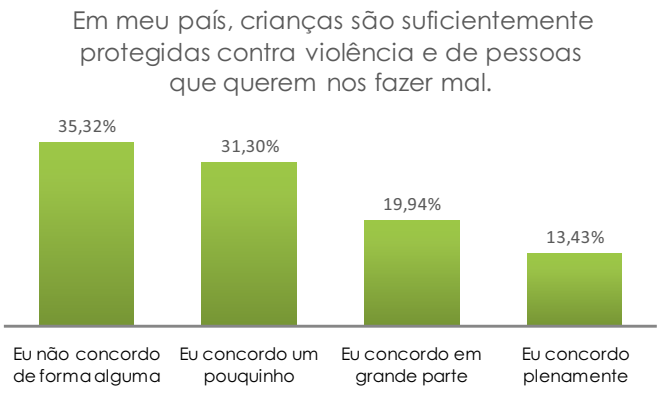
Gráfico 6 – Opinião das crianças

P7c. Em meu país, a opinião de crianças da minha idade é ouvida em questões que nos dizem respeito



Sobre a sentença: "Em meu país, crianças são suficientemente protegidas contra violência e de pessoas que querem nos fazer mal", 35,3% das crianças não concordam de forma alguma que a proteção seja eficaz contra a violênciae 31,3% concordam um pouco. Esse dado se confirma nas entrevistas em grupo, em que as crianças apontaram situações em que a proteção não ocorreu de forma satisfatória, uma vez que os pais não acreditam no que as crianças falam ou quando são eles os próprios agressores em casos de correções educativas.

Gráfico 7 – Proteção das crianças



Com relação à percepção de diferença de gênero em situações de violência contra crianças, 82% dos respondentes concordam que é mais comum meninas sofrerem maus-tratos ou outras formas de violência; desses, 31% concorda em grande parte.

Nas entrevistas realizadas mediante aplicação de grupos focais, foi possível observar que as crianças percebem diferença de intensidade e tipo de violência vivenciada por meninos e meninas, como pode ser visto nos depoimentos seguintes.

> "Menino sofre mais violência física, já a menina sofre mais a violência psicológica."
> *(Criança, Belo Horizonte, 2019)*

> "Fora da escola, tem mais violência com as meninas, na rua as pessoas tentam intimidá-las. Com os meninos também tem, mas é menor que com as meninas."
> *(Menina, Belo Horizonte, 2019)*

> "Eu acho que as meninas sofrem mais porque são mais frágeis, mais fracas."
> *(Menina, Comunidade de Palmital, Minas Novas, 2019)*

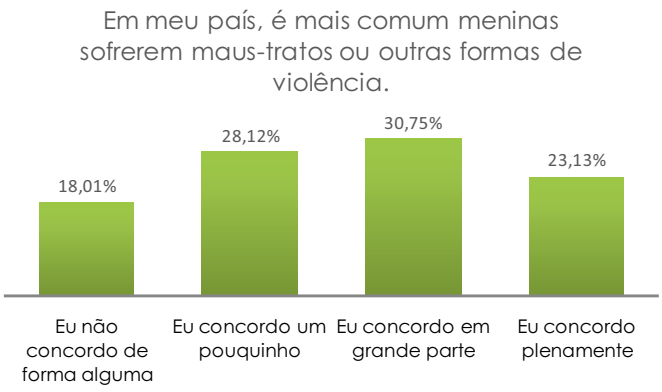
Entretanto, especialmente nas localidades mais vulneráveis socialmente, isto é, em ambientes em que a violência é percebida cotidianamente na vizinhança, devido aos altos índices de criminalidade e tráfico de drogas, em geral, as crianças não percebem diferença entre meninos e meninas. Elas entendem que são todos iguais e susceptíveis a diferentes situações de maus-tratos, conforme afirmações seguintes.

> "O que pode ser feito com a menina, também pode ser feito com o menino. Ou pode ser pior, até mesmo matar. Estuprar e matar, pra criança não falar. Eu sei porque já se passou várias coisas desse tipo."
> *(Menina, 11 anos, Cariri 2019)*

> "Porque que, tipo assim, menina eles podem pegar para fazer o mal. [...] É estupro. E os meninos eles também podem pegar para abuso sexual ou para fazer de aviãozinho, para levar drogas pro lado pro outro..."
> *(Menino, 12 anos, Fortaleza, 2019)*

Além disso, as crianças dessas localidades relatam, nas entrevistas em grupo, que não possuem liberdade para sair de casa em determinados horários, uma vez que suas residências se localizam próximo às atividades de tráficos de drogas e, por isso, torna-se um ambiente consideravelmente perigoso e permeado por conflitos com a polícia. Diante disso, o cotidiano dessas crianças mais vulneráveis socialmente se restringe em ir para a escola e voltar para casa, sem atividades extras. Nesse sentido, esses fatos revelam realidades complexas em que se convive com várias dimensões de violação de direitos humanos.

Gráfico 8 – Diferença de gênero



"Eu quase nem saio de casa. Na minha rua a gente fica até sete horas da noite porque depois disso não pode mais ficar na rua, porque se não eles metem bala não importa se é criança ou adulto."

(Menina, 12 anos, Fortaleza, 2019)

3. MANIFESTAÇÕES DA VIOLÊNCIA E SUAS CAUSAS

3.1. As causas da violência

Nesta seção, a pesquisa buscou compreender quais são as causas para prática violenta dos adultos segundo o ponto de vista das crianças. Nacionalmente, as crianças destacam três causas principais de violência: referem-se à indefesa própria das crianças, à falta de reconhecimento dos direitos das crianças eà perda do autocontrole, devido ao uso de substâncias.Destaca-se que agrande maioria das crianças,cerca de 90%, rejeita a violência baseada na necessidade de espancar para educar. As crianças valorizam, em grande medida, uma educação baseada emcarinho, diálogo, respeito aos filhos e que não seja permeada pela violência como método corretivo.

55% dos entrevistados concordam, em grande parte ou totalmente,que a falta de defesa das crianças é uma das causas de violência, conforme evidenciado no gráfico 9. Além disso, 46% concordam significativamente que o descontrole ocasionado pela bebida e por drogasé um motivo pelo qual os adultos maltratam as crianças.

O fato dos adultos já terem sido maltratados é justificativa para a prática de violência contra as crianças, conforme a perspectiva de 30% dos entrevistados, que concordam em grande parte ou plenamente. Nos grupos focais, foi apresentado o tema sobre a reprodução da violência como uma das causas para os maus-tratos dos adultos. Para as crianças entrevistadas,em alguns casos, o fato de apessoa ter sido maltratada na infância favorece para que ela seja um possível agressor na fase adulta, reproduzindo, assim, a violência sofrida, de acordo com a seguinte perspectiva: "Depende da criação que a pessoa recebeu. Se a pessoa cresceu num lugar onde ela foi maltratada, ela vai fazer com os outros, vai achar que isso é certo."(Criança de Belo Horizonte, 2019).

Para aproximadamente 43% das crianças entrevistadas a razão pela qual os adultos maltratam as crianças está relacionada, em grande parte ou totalmente, com a falta de reconhecimento dos direitosdas crianças, conforme gráfico 9.

Gráfico 9 – Causas de violência praticada por adultos

Em seguida, perguntou-se sobre situações em que as próprias crianças maltratam outras crianças, e por que elas acham que isso acontece.As principais causas apontadas são: a indefesa de crianças mais novas, a falta de consciência das consequênciasgeradas pelos maus-tratose a existência de lugares mais propícios para violência nas escolas. A metade dos entrevistados concorda, em grande parte ou totalmente, que o fato de existirem crianças mais novas e que não podem se defender explica a violência entre crianças. Vale ressaltar que a falta de defesa foi apontada como uma das principais causas dos maus-tratos tanto entre as crianças quanto em casos em que os agressores são os adultos.

Além disso, 48% concordam, plenamente ou em grande parte,que nas escolas existem lugares onde é mais fácil de acontecerem maus-tratos contra crianças, de modo que ninguém fique sabendo. Nos grupos focais, foram relatados casos de bullying nas escolas, principalmente em realidades mais vulneráveis socialmente, de acordo com os depoimentos seguintes.

> "Tem gente mesmo que sofre nas escolas, não sei se é verdade, mas estavam dizendo que tinha uma menina que ela foi estuprada pelos meninos lá na escola dentro do banheiro das meninas."
> *(Menina, 10 anos, Fortaleza, 2019)*

> "Ele estava fumando drogas, por causa que ele tinha sofrido bullying, tinha apanhado, chamaram ele de dente de cavalo, cabelo pixaim e começaram a bater nele."
> *(Menino, 11 anos, Fortaleza, 2019)*

Por fim, uma parcela significativa, ou seja, 55% concordam, emgrande parte ou totalmente, que os maus-tratos entre as crianças ocorrem porque as crianças agressoras não sabem realmente as consequências da violência e quanto mal elas estão fazendo aos outros, conforme gráfico 10.

Gráfico 10 – Causas de violência praticada por crianças

3.2. Tipos de violência e suas consequências

Um dos objetivos da pesquisafoi compreender as percepções das crianças sobre os diferentes tipos de violência e suas possíveis consequências. Nesse sentido, é possível afirmar que a violência não é uma prática imperceptível para as crianças, e muitas de suas manifestações são amplamente reconhecidas pela população infantil. No entanto, existem tipos de violência mais sutis, e por isso precisamos entender se as crianças reconhecem esses casos, também, como uma violação de direitos.

Consequências de violência de acordo com crianças

A violência física ou psicológica, e qualquer tipo de intimidação, provocam sérias consequências na vida das crianças, principalmente no que se refere ao seu bem-estar mental devido aos traumas e medos gerados pelos maus-tratos que podem, em último caso, ocasionar a depressão e morte das crianças violentadas. Esse cenário também compromete a socialização das crianças, conforme apontado nos depoimentos seguintes.

> "Traumas (não querer sair de casa, estudar, ir pra determinados lugares), ferimentos pelo corpo, e também algumas crianças podem ser mortas. A criança se sente mal, com medo, inofensiva (se sente desprotegida)."
> *(Menino, 10 anos, Cariri 2019)*

> "Quando eu apanho tenho vontade sumir; se eu tivesse um quarto, me trancava, eu passava o resto da vida."
> *(Menino, 12 anos, Fortaleza, 2019)*

"Dano físico e também a pessoa fica com medo. Pode causar algum trauma. Pode entrar em depressão e morrer."
(Menino, 11 anos, Comunidade Palmital, Minas Novas, 2019)

"Ela pode ficar com medo disso acontecer de novo. Eu acho também que as crianças sentem vergonha. Por exemplo, se uma pessoa bater, quebrar o pé ou quebrar os dentes, eu acho que ela fica com vergonha."
(Menina, 11 anos, Comunidade Palmital, Minas Novas, 2019)

"Tudo de ruim, porque violência é um negócio que a pessoa fica traumatizada, a pessoa pode pegar depressão, isso é muito ruim, afeta muito."
(Menina, 11 anos, Fortaleza, 2019)

Quanto aos tipos de violência, as crianças citaram, principalmente, as seguintes situações: obrigar a criança a ter relações sexuais com outra pessoa, menosprezar por ser diferente, assediar nas redes sociais e participar de um crime organizado. A situação em que os responsáveis proíbem as crianças de brincarem livremente na rua ou na sua comunidade foi a situação que as crianças menos perceberam como exemplo de violência contra crianças.

A grande maioria acredita que a violência contra crianças corresponde ao ato de espancar com intuito de punição por algo de errado que a criança fez. Destaca-se que 96% dos entrevistados afirmaram que forçar uma menina ou menino a ter relações sexuais com outra pessoa caracteriza-se violência contra criança.

Além disso, 95% percebemcomo violência a participação de uma criança em umcrime organizado. Na pesquisa qualitativa com o grupo focal de Fortaleza,notaram-semuitos relatos de casos de morte por drogas, ameaças e considerável violência praticada pelos criminosos. A realidade é marcada por regras e códigos de conduta definidos pelas facções criminosas que comandam o território. Diante disso, é possível afirmar que os efeitos dessa vulnerabilidade na vida cotidiana das crianças geram certo constrangimento e fere o seu direito de ir e vir e de sua segurança, conforme é apontado por uma delas:

"É tia, porque lá na minha rua [...] fica um pessoal que [é] meio envolvido com drogas, essas coisas que ficam sempre lá, aí às vezes eu fico constrangida, não gosto de passar porque eu tenho medo, aí eu não passo, às vezes deixo de ir em um canto porque tenho medo porque fica todo mundo assim, sentado."
(Menina, 11 anos, Fortaleza, 2019)

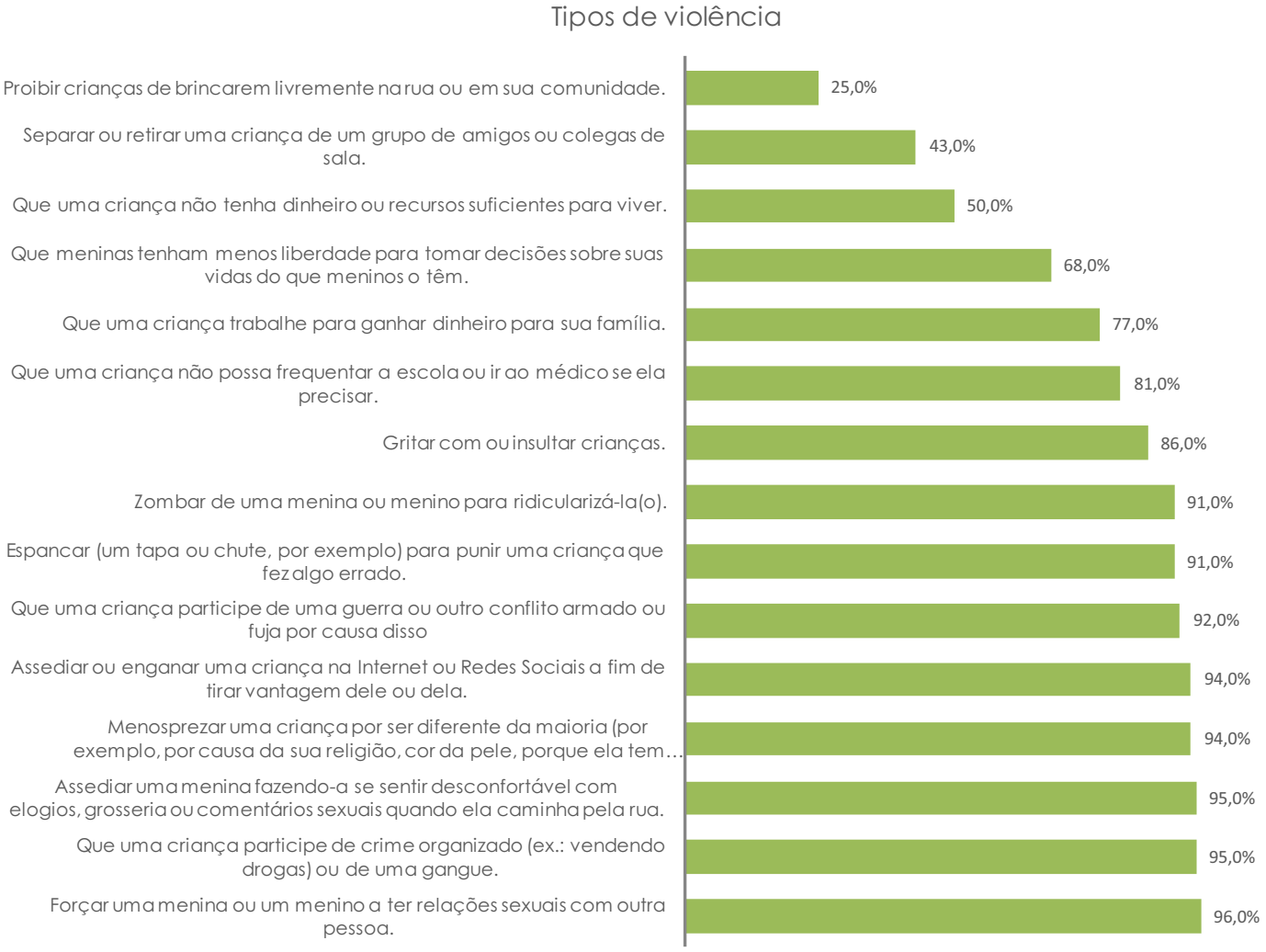
Nota-se que 95% dos entrevistados percebem que a prática de assédio contra meninas é um exemplo de violência contra criança.Em algumas entrevistas em grupo, também foi possível obter opiniões similares em que as crianças percebem o assédio contra meninas como um ato de violência e violação dos seus direitos; inclusive como citado na seção anterior houve exemplos de acontecimentos como esse em escolas.

Com relação à prática de gritar e insultar crianças, a maioria dos entrevistados, ou seja, 86% entendem como uma violência contra criança. Em geral, nos grupos focais, as crianças definiram atos violentos como "bater, xingar, abusar sexualmente e obrigar uma pessoa a fazer o que ela não quer."(Meninos e Menina, 12 anos, Cariri, 2019).

Notou-se que a grande maioria do grupo analisado considera uma prática violenta quando as necessidades médicas e educacionais das crianças não são atendidas, conforme gráfico 11. Com relação à situação de ridicularização de uma menina ou de um menino, quase a totalidade, ou seja, 91% das crianças entrevistadas entendem como uma prática violenta.

A imensa maioria relata que menosprezar uma criança por possuir alguma característica diferente do grupoé considerado violência. Esse dado corrobora com as informações coletadas nas entrevistas em grupo que citaram os casos de bullying baseados em características fora do padrão socialcomo exemplo de violência.Por fim, 94% dos entrevistados afirmam que o assédio infantil nas redes sociais se configura como uma violência contra crianças.

Gráfico 11 – Tipos de Violência



4. PERCEPÇÃO DE RISCOS E PROTEÇÃO DA VIOLÊNCIA

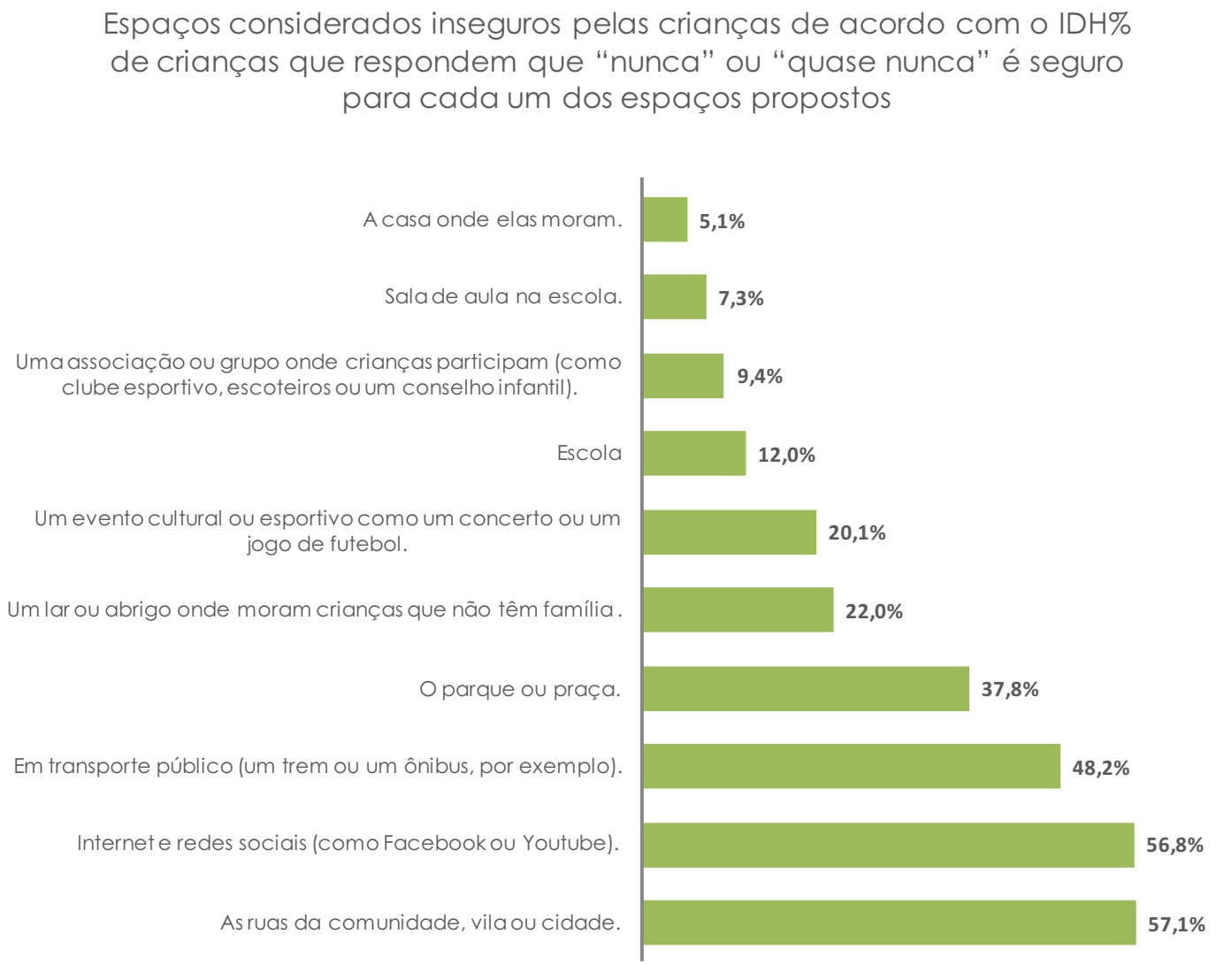
4.1. Espaços em que ocorre a violência

Nesta seção, buscou-se apurar a percepção das crianças quanto aos espaços que são mais propícios para a prática violenta bem como identificar os agentes de proteção. O nível percebido de risco e segurança no ambiente está diretamente relacionado ao bem-estar subjetivo das crianças; por isso, quanto maior o risco que elas percebem em seus ambientes de convivência, menor é o nível de satisfação com a vida em geral.Assim, ressalta-se a importância de compreender a percepção dos riscos e a proteção da violência para que assim possamos relacionar o bem-estar das crianças, o que será feito na seção seguinte.

Os dados relativos aos possíveis espaços em que a violência ocorre contribui para estabelecer comparações entre as percepções das crianças, dependendo do contexto em que vivem no país.

Com relação aos lugares em que há maior risco de ocorrerem situações de maus-tratos e abuso físico ou emocional contra as crianças foi possível constatar o que se encontra no gráfico 12.

Gráfico 12 – Espaços considerados inseguros de acordo com as crianças



A escola é considerada por apenas 12% dos entrevistados como um lugar nunca ou quase nunca seguro para as crianças. Para 32,8% das crianças, a escola é sempre ou quase sempre um lugar seguro. É possível afirmar que os percentuais apresentados acima confirmam os depoimentos apresentados nos grupos focais, em que, de modo geral, as crianças se sentem seguras e protegidas nas escolas em que frequentam.

A casa em que as crianças moram é consideradoo ambiente mais seguro, uma vez que 55,5% delas percebem como um lugar sempre ou quase sempre seguro. Vale destacar que,durante as entrevistas de grupos focais,poucascrianças revelaram que se sentiam inseguras em casa. "Muitas crianças não se sentem bem dentro de casa. Eu não me sinto bem dentro de casa." (Menino, 12 anos, Fortaleza, 2019).

Os lugares considerados mais inseguros pelas crianças foram as ruas da comunidade ou cidadeem que elas vivem e o ambiente virtual das redes sociais, uma vez que 57% nunca ou quase nuncase sentem seguras nesses ambientes. Esse dado corrobora com os depoimentosdas entrevistas qualitativas, principalmente nas áreas mais vulneráveis socialmente, em que a realidade social local se configura como a mais propensa para haversituação de violência. Muitas vezes, as crianças não podem ficar até tarde na rua, porque a polícia frequenta a comunidade à noite, gerando um ambiente de conflito iminente.

"Eu nem saio de casa. Nem sair de casa a gente pode por causa da rua onde a gente mora está perigoso."
(Menina, 11 anos, Fortaleza, 2019)

"Na rua lá de casa não pode mais brincar no meio da rua."
(Menina, 10 anos, Fortaleza, 2019)

"O pessoal todo fica dentro de casa."
(Menina, 11 anos, Fortaleza, 2019)

De acordo com a pesquisa, o transporte público nunca ou quase nunca é considerado um lugar seguro para 48,2% das crianças. Os espaços públicos de convivência e lazer, como praças e parques, algumas vezes, são percebidos como um lugar seguro para metade das crianças. Entretanto, para 38%, esses espaços nunca ou quase nunca são seguros para as crianças.

De acordo com os dados coletados, é possível afirmar que, para a metade dos respondentes, os abrigos, algumas vezes, são lugares seguros para as crianças que moram lá. Já 22% entendem que esses espaços nunca ou quase nunca são seguros.

Em contrapartida, nos grupos focais, alguns entrevistados relataram que os abrigos são lugares propícios para a prática violenta contra crianças, diferentemente das residências.

4.2. Agentes de proteção e agressores

Em seguida, buscou-se entender quem são as pessoas ou os grupos que mantêm as crianças seguras. No que se refere aos pais, 78% das crianças afirmam que eles sempre ou quase sempre as protegem. Os dados qualitativos coletados nos grupos focais corroboram com os resultados do survey, uma vez que as crianças apontaram os pais como os principais responsáveis pela proteção das crianças, de acordo com os depoimentos a seguir: "Para as crianças se sentirem seguras, elas precisam que os pais estejam perto,de amor, carinho.", "Os pais podem dar mais amor, carinho. As crianças precisam do amor e companhia da família e amigos para se sentirem seguras." (Criança, Comunidade Palmital, Minas Novas, 2019).

Entretanto, durante algumas entrevistas, em Fortaleza e Cariri, foram apresentados relatosde agressão dos pais contra seus filhos, com argumento de correção educativa, conforme depoimentos seguinte.

"Tia, a senhora falou esse negócio de pai agredir criança, é... Eu não gosto muito de falar nisso não, mas, minha mãe é muito assim, ela me agride muito, bate muito mesmo, qualquer coisinha, é...eu tenho várias cicatrizes no corpo..."
(Menino, 12 anos, Fortaleza, 2019)

"Mesmo sabendo que pode ser denunciado, dentro de casa mesmo existe isso, muitas mães forçam a criança a fazer esse trabalho, força você pegar a vassoura e varrer a casa toda, até algumas fazem você lamber o chão."
(Menina, Cariri, 2019)

Além disso, as crianças reconhecem que existem situações em que os próprios pais são os agressores:

"Por causa, sim, dos pais também, porque tem até uns casos na internet que tem uns pais que estrupam também as crianças, os próprios filhos, enteados, padrastos, né?!"
(Menina, Cariri, 2019)

Destaca-se que as mães são consideradas as que mais protegem as crianças, uma vez que a grande maioria, isto é, 89% afirmam que sempre ou quase sempre são protegidas por elas. É possível afirmar que os políticos ou outros líderes adultos são os agentes que menos

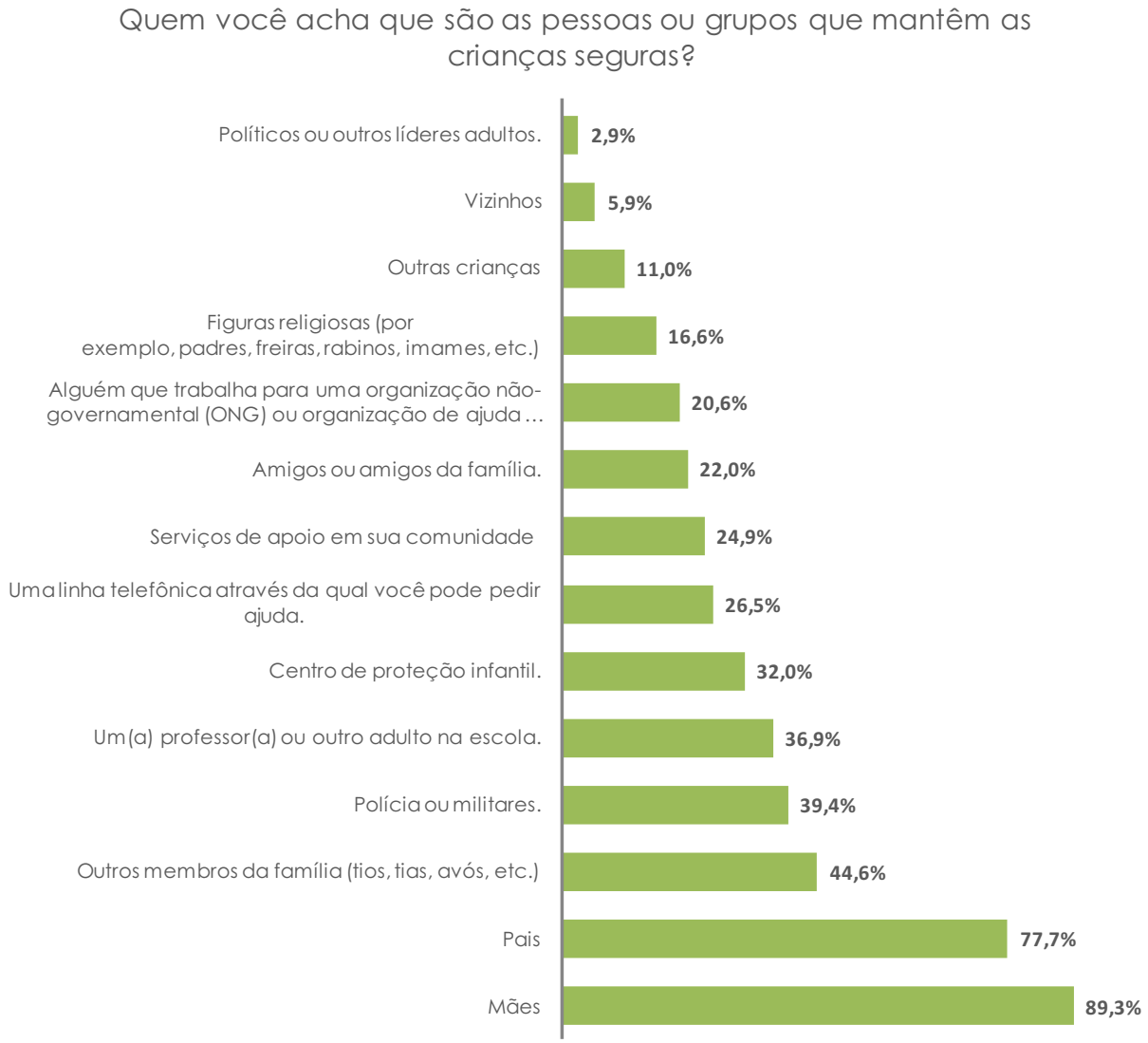
protegem as crianças, pois apenas 3% delas se sentem sempre protegidas por eles. Além disso, 46% afirmam que eles nunca protegem as crianças em situações de violência.

De acordo com os resultados da pesquisa, 37% das crianças disseram que sempre ou quase sempre são protegidas pelos professores ou outro adulto da escola e45% afirmam que outros membros da família sempre as protegem.

Aquelas que acreditam que os policiais sempre ou quase sempre protegem representam 39,5% do universo total analisado. Destaca-se que foi observado relato de situações de violência desencadeada pelos próprios policiais em contextos vulneráveis socialmente, como, por exemplo:

> "Mas só que eles (policiais) já me pararam já, me confundiram com aviãozinho, eles pararam colocando a arma em mim já. [...]. Eu estava indo para o treino de futebol, eu estava com uniforme do treino com minha chuteira na bolsa. Eles desceram da viatura apontando a arma para mim, mandando eu encostar, quando olhei para trás estava em cima de mim, mas não deu em nada. É muito preconceito que os policiais têm, tipo: a pessoa é negra, mora na favela, só exemplo, existe esse preconceito pelos policiais."
> *(Menino, 12 anos, Fortaleza, 2019)*

Gráfico 13 – Agentes de Proteção



A pesquisa também teve como objetivo compreender o que as crianças podem fazer para combater a violência contra elas. Foi possível observar que as principais medidas de combate protagonizadas pelas crianças foram: informar a alguém que possa ajudar, caso presenciem uma situação de violência contra criança (93%); apoiar outras pessoas da sua idade que foram violentadas por meio de conversas ou demonstração de gentileza e carinho (88%); e, por fim, explicar aos adultos sobre os seus direitos de não serem machucadas de forma alguma (86,5%), conforme gráfico 14.

Nas entrevistas em grupo, foi possível notar percepções similares em que a medida para combater a violência relaciona-se a: "Contar para um adulto de confiança para poder denunciar. Contar para os pais, para algum adulto." (Criança, Comunidade Palmital, Minas Novas, 2019).

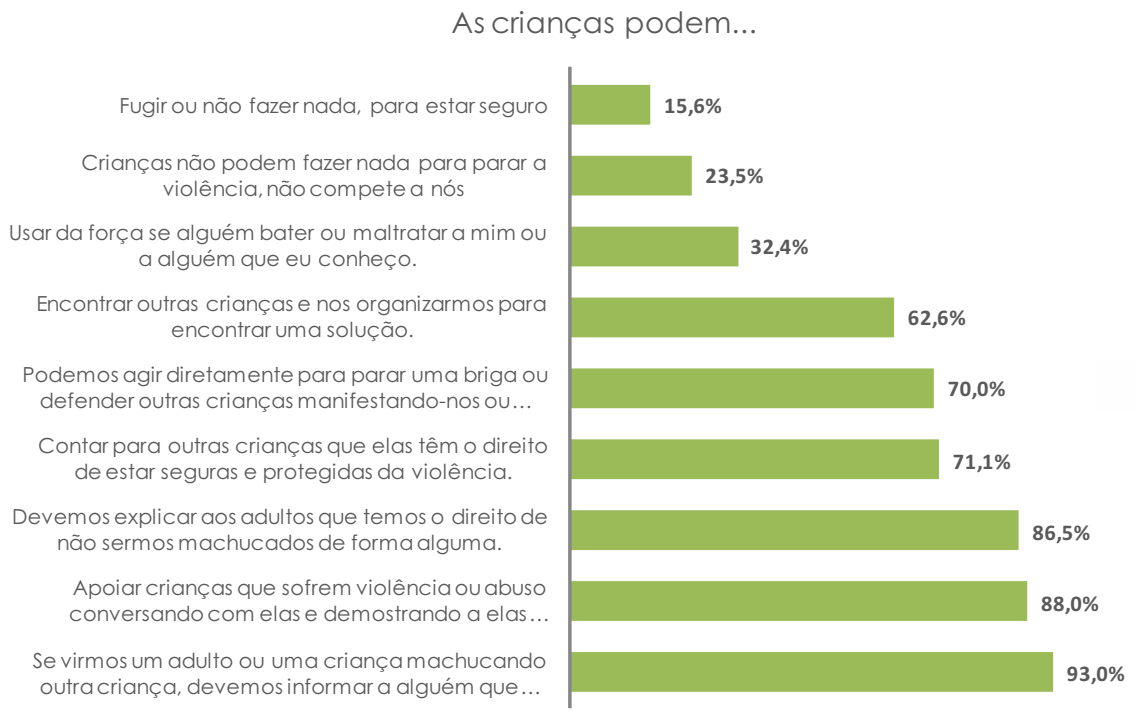
"Denunciar, em algum órgão público, na escola mesmo a criança pode falar o que tá acontecendo com ela, e ver se alguém da escola pode tomar alguma providência." (Criança, Cariri, 2019)

Quando considerado que as crianças podem usar da força se alguém maltratar delas ou de conhecidos, observou-se que 40% dos entrevistados não concordam de forma alguma com essa alternativa. Vale ressaltar um depoimento que chamou atenção, pois difere da percepção do restante do grupo e contrasta com o que foi apresentado acima, na medida em que expressa um traço de agressividade e de descrédito das alternativas tradicionais de combate: "A única solução é matar. É só falar assim: não mexe comigo mais senão eu mato você!" (Menina, 11 anos, Comunidade Palmital, Minas Novas, 2019).

Uma parcela significativa do grupo analisado, 52% percebemque o combate da violência compete às crianças e, portanto, elas devem ser consideradas como indivíduos capazes de fazer alguma coisacontra os maus-tratos. Apenas 23,5% concordamque não compete às crianças acabar com situações violentas, como pode ser visto no gráfico 14.

Para 63% dos entrevistados, a organização entre as crianças é uma solução para combater a violência.Observou-se que, nos grupos focais, as crianças também apontaram a sua união como uma alternativa para denunciar situações de maus-tratos.

Gráfico 14 – O que as crianças podem fazer para combater a violência



A respeito das soluções que cabem aos adultos para o combate à violência contra crianças, destacaram-se (94% das crianças entrevistadas) as seguintes alternativas: os adultos devem ouvir mais as crianças e ensinar a outros adultos sobre a importância de manter as crianças seguras.

Muitas vezes, as crianças percebem que os adultos não acreditam no que elas falam e, por isso, apontam que uma solução importante seria a atenção, a confiança e o cuidado dos adultos responsáveis, conforme relato: "E os adultos precisam prestar atenção nas crianças, ficar de olho nelas, não deixar as crianças sozinhas e acreditar nelas, porque a maioria não acredita." (Menina, 11 anos, Comunidade Palmital, Minas Novas, 2019). Portanto, além de ouvir é necessário acreditar no que as crianças dizem.

Para 93% dos respondentes, os adultos podem fazer leis melhores para proteger os direitos das crianças, bem como informar às autoridades responsáveis em casos de violência contra crianças. As crianças do grupo focal de Cariri também citaram que os adultos devem: "aumentar a pena (punição) de quem faz isso (violência contra criança)".

Em geral, as crianças apontam diversas instituições e autoridades responsáveis pelo combate à violência, entretanto, foi indicado o fator medo que, muitas vezes, dificulta o processo de denúncia. Elas percebem a escola, a delegacia e o conselho tutelar como referência de entidades que ajudam em casos de violência, porém existem dificuldades em acessar essas instituições sozinhas e, por isso, é de extrema importância a atuação do adulto responsável em informar às autoridades, como pode ser visto nos depoimentos seguintes.

> "Quando bate muito tem que denunciar. Ou falar para alguém, um adulto ou qualquer pessoa que possa denunciar, porque há muitas pessoas que têm medo."
> *(Criança, Comunidade Palmital, Minas Novas, 2019)*

> "Delegacia, disque 100, porém eles não são fáceis da criança acessar, por isso o melhor é pedir ajuda para algum familiar, alguma pessoa de confiança."

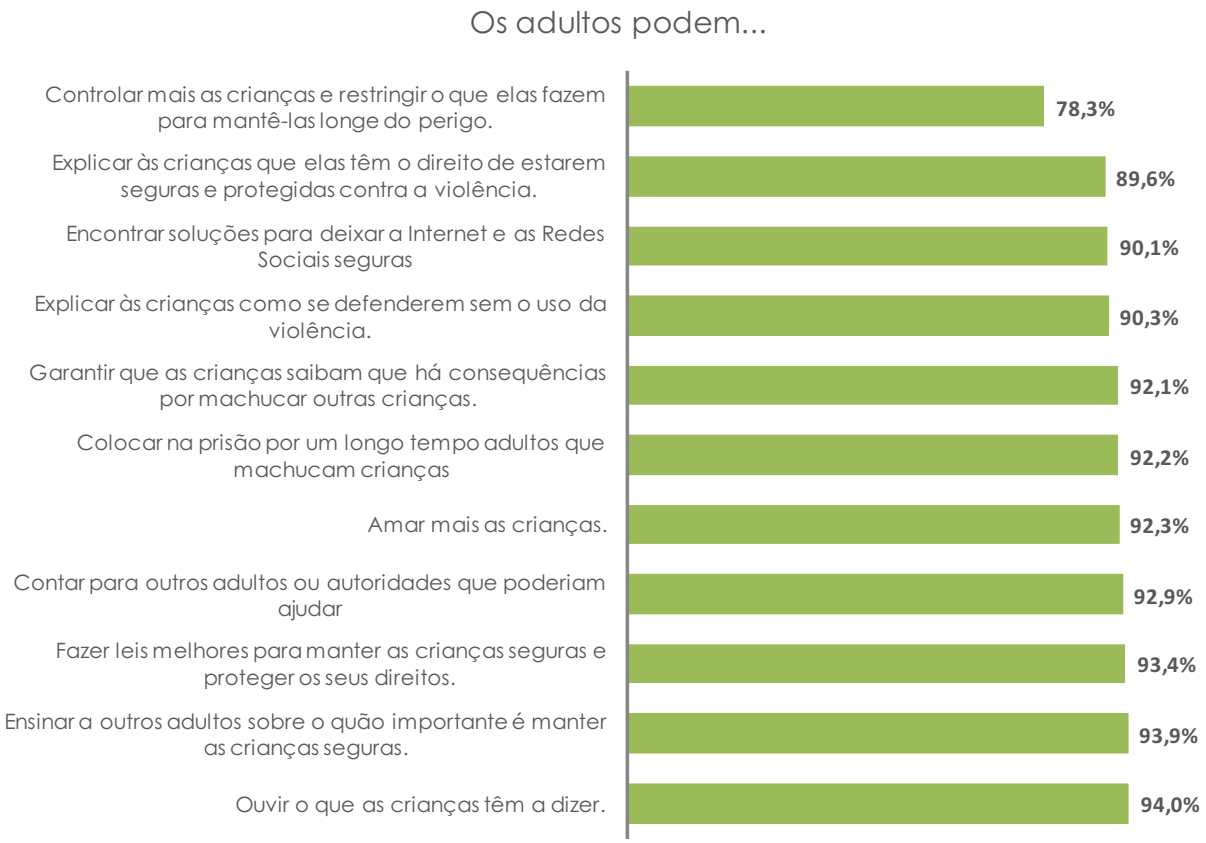
Além disso, 92% disseram que os adultos devem amar mais as crianças para que assim seja possível combater a violência. Na pesquisa com os grupos focais, foi possível perceber que as crianças enxergam os pais como porto seguro, aqueles que protegem as crianças dos maus-tratos. Dessa forma, as crianças entendem que, para acabar com casos de maus-tratos, é necessário que elas recebam carinho, atenção e amor dos adultos responsáveis.

> "Eu acho que acontece mais (a violência contra crianças) quando falta a presença dos pais, para proteger."
> *(Menino, Belo Horizonte, 2019)*

> "Elas (crianças) sempre sabem que seus pais todos os dias vão dizer: "olha, eu estou perto de você, o que tiver acontecendo de mal com você, você me diga." Pra mim é isso. Ter confiança do seu próximo."
> *(Menina, 12 anos, Cariri, 2019)*

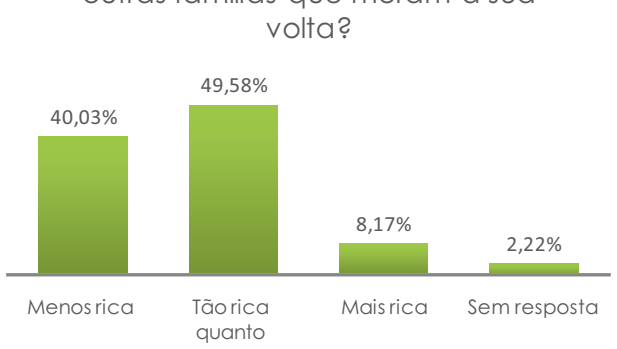
Observou-se que a grande maioria dos entrevistados concorda plenamente com o fato de que, para solucionar o problema dos maus-tratos, os adultos devem conscientizar as crianças sobre as consequências da prática violenta com outras crianças. Por fim, a solução menos aclamada pelas crianças refere-se ao controle e à restrição de atividades para mantê-las seguras, conforme gráfico 15.

Gráfico 15 – O que os adultos podem fazer para combater a violência



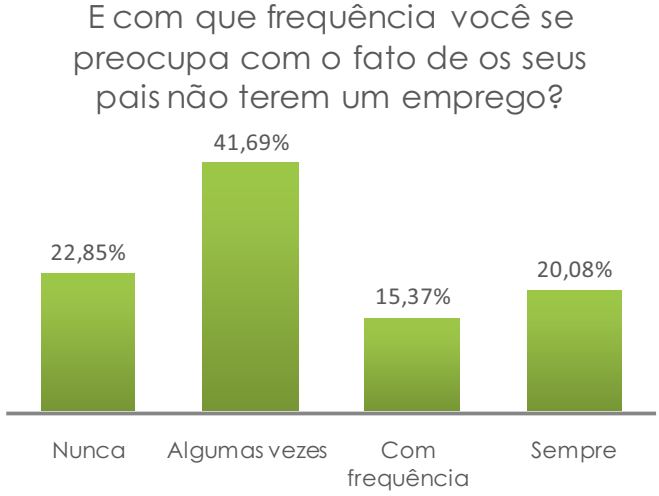
Com relação ao nível de riqueza das famílias, a metade das crianças considera que suas famílias são tão ricas quanto outras que residem na comunidade ou no bairro. Já 40% afirmam que percebem que suas famílias são menos ricas em comparação com outras famílias da vizinhança, conforme gráfico 16.

Gráfico 16 – Nível de riqueza



No que diz respeito à frequência com que as crianças se preocupam com o desemprego dos pais, a maioria se preocupa algumas vezes, 23%, nunca e 20% das crianças estão sempre se preocupando. .

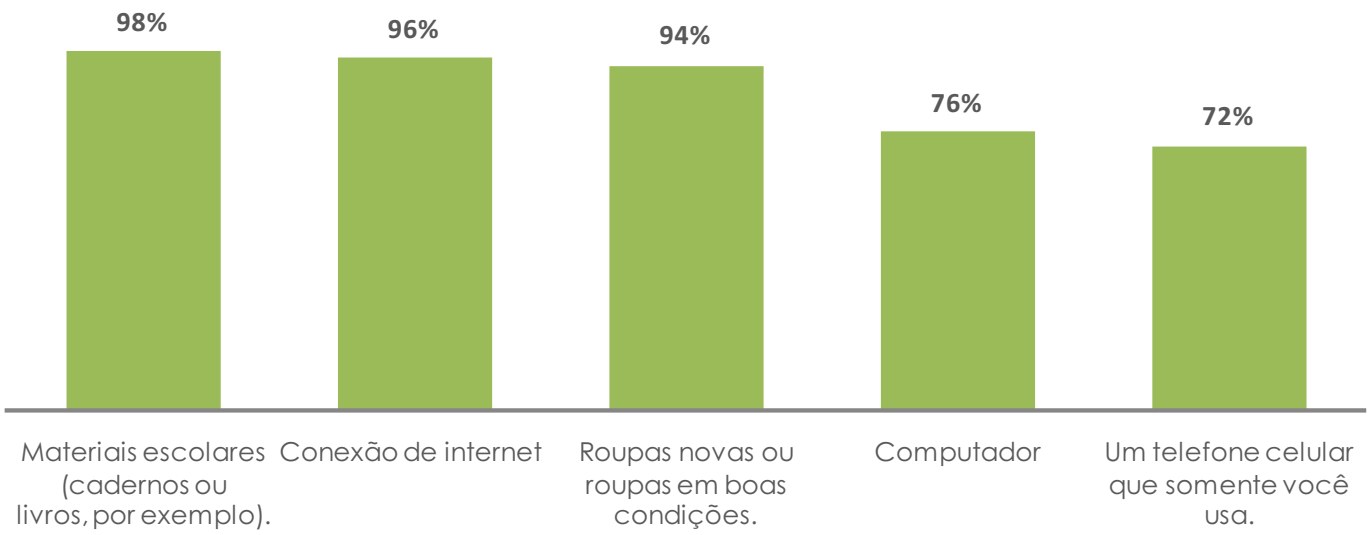
Gráfico 17 – Preocupação com o desemprego



Com relação aos itens a que as crianças têm acesso em casa, observou-se que a grande maioria possui materiais escolares em geral, conexão de internet e roupas novas e em boas condições de uso.

76% das crianças de 10 a 12 anos possuem computador para uso pessoal em seu domicilio e 72% acessam um telefone celular, conforme gráfico 18.

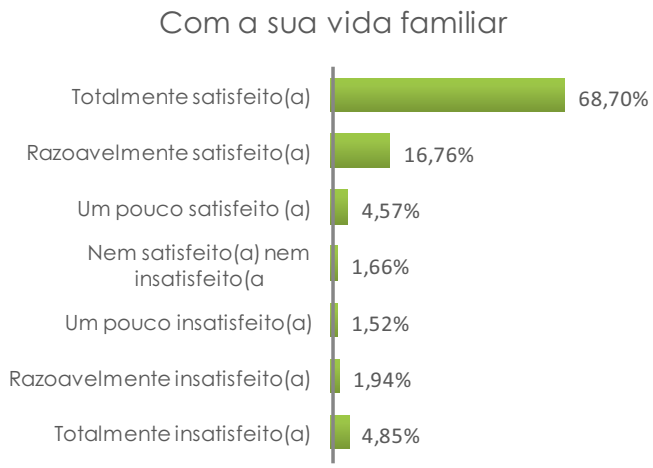
Gráfico 18– Acesso a itens domésticos e pessoais



5. BEM-ESTAR SUBJETIVO

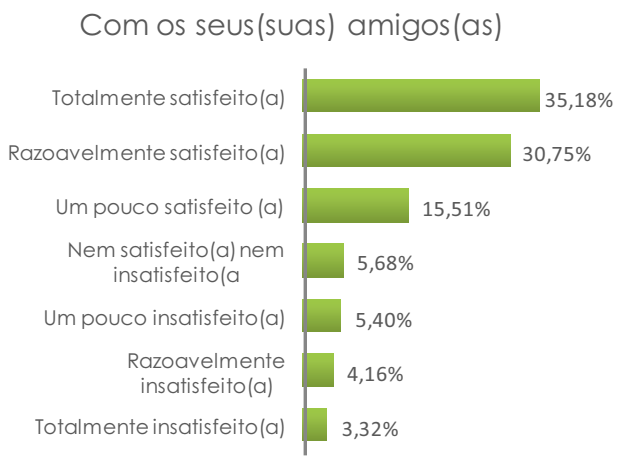
Conforme citado anteriormente, esta seção tem como objetivo abordar a relação entre o bem-estar das crianças em suas diversas dimensões e a percepção de segurança e risco associada a ele. Foi possível observar que uma parcela significativa,aproximadamente 70% das crianças, consideram-setotalmente satisfeitas com sua vida familiar, conforme gráfico 19. Ressalta-se que o percentual de insatisfação é irrisório.

Gráfico 19 – Satisfação com a vida familiar



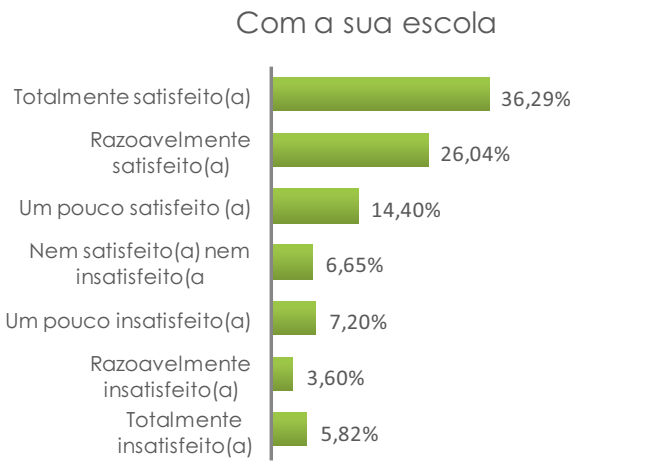
65,9% das crianças afirmaram que estão satisfeitas com seus amigos, inclusive a convivência com amigos é citada como um momento de bem-estar subjetivo: "Quando eu estou com meus amigos aqui do projeto, aí é bom, legal, coloca o papo em dia, no projeto é massa." (Menino, 12 anos, Fortaleza, 2019).

Gráfico 20 – Satisfação com os seus(suas) amigos(as)



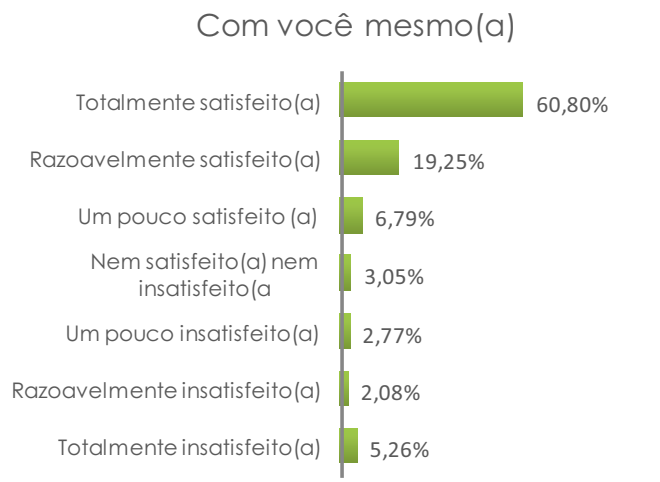
A pesquisa apontou que 62% das crianças estão satisfeitas com a escola em que estudam, pois, em geral, sentem-se bem e protegidas nesse ambiente.

Gráfico 21 – Satisfação com sua escola



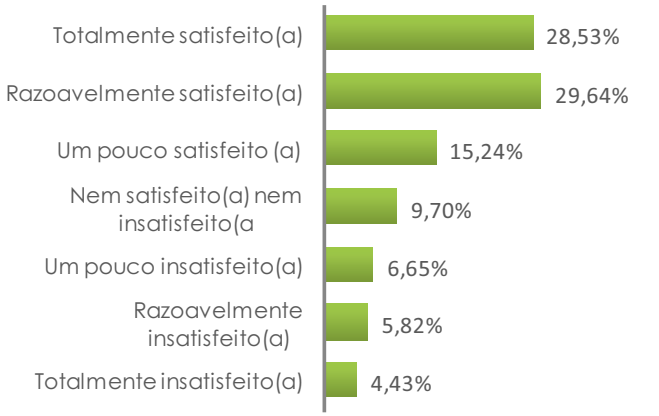
Destaca-se que um percentual relevante, aproximadamente 80% das crianças, estão satisfeitas com sua vida pessoal.

Gráfico 22 – Satisfação pessoal



Sobre a satisfação com o território em que as crianças residem, percebe-se que aproximadamente 60% delas se sentem total e razoavelmente satisfeitas. Os níveis de insatisfação são mais significativos se comparados aos outros itens anteriormente citados.

Gráfico 23 – Satisfação com a área ou comunidade em que mora



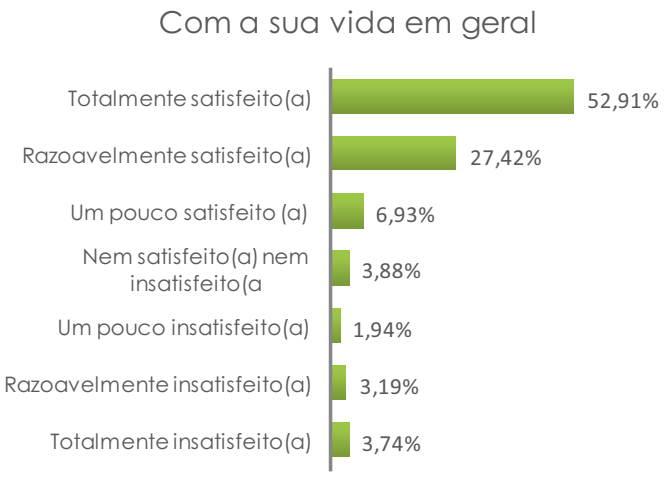
53% dos respondentes se consideram totalmente satisfeitos com sua vida em geral e 28%, razoavelmente. Portanto, é possível afirmar que, em geral, as crianças entrevistadas se consideram satisfeitas com os aspectos levantados pela pesquisa.

De acordo com as entrevistas em grupo, o bem-estar subjetivo está relacionado aos bons-tratos e à percepção de proteção e segurança, como se pode perceber no depoimento seguinte:

> "Dar direto o que as crianças merecem. Permitir que a criança vá à escola. Não bater nas crianças. Dar proteção a elas, segurança e outras coisas."

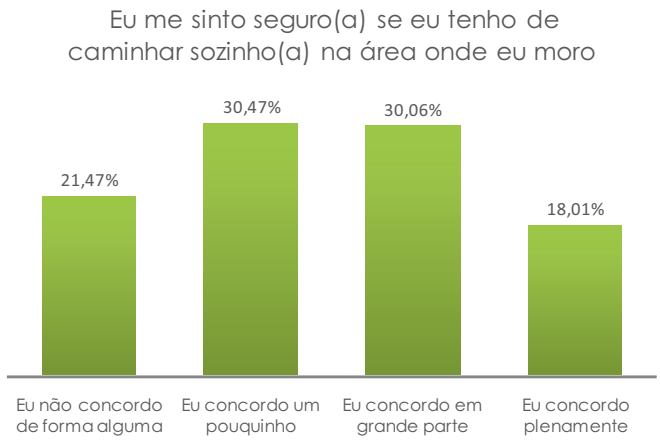
> "O que as crianças precisam para se sentirem seguras é da família, de um lar, de um lugar pra dormir, perto dos seus pais, de alguém que dê amor a elas, leve pra escola, de amor, de alguém que ajude elas, carinho, de um lar melhor."
> *(Criança, Cariri, 2019)*

Gráfico 24 – Satisfação com a vida em geral



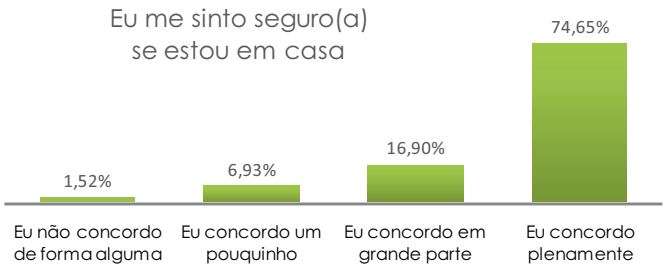
Com relação ao local em que as crianças residem, notou-se que a maioria relata que se sente segura quando caminha sozinha pelas ruas da comunidade ou do bairro, o que corresponde a 79%. Já 21,5% não concordam com essa afirmação de forma nenhuma.

Gráfico 25 – Percepção de segurança em caminhar sozinho na área em que mora



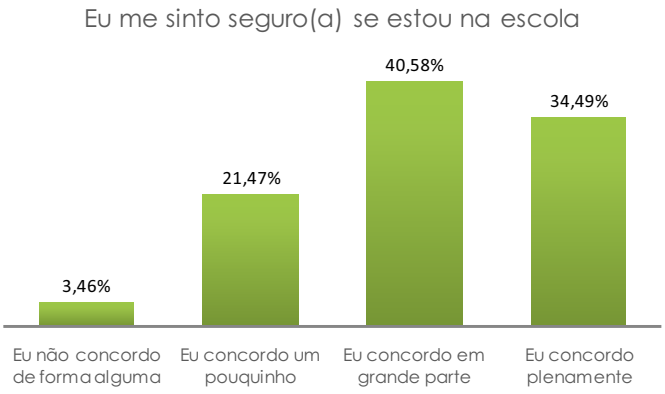
A grande maioria das crianças entrevistadas sente-se segura quando estão em casa, inclusive 75% afirmam que concordam plenamente com essa constatação. Esse dado se relaciona com a percepção de que os pais, principalmente as mães, são considerados os principais agentes de proteção das crianças.

Gráfico 26 – Percepção de segurança em casa



Segundo os dados coletados, uma parcela significativa das crianças sente-se segura na escola (41% dos entrevistados).

Gráfico 27– Percepção de segurança na escola



Por fim, a grande maioria dos entrevistados concorda com o fato de que as perguntas do questionário foram claras e fáceis de responder. Observou-se, também, que a maioria das crianças, cerca de 70%, afirma que o questionário foi longo ou tedioso. Entretanto, para 98,6% dos entrevistados, as perguntas feitas são importantes para o bem-estar das crianças, com destaque para aqueles que concordaram plenamente, representando 67% do universo total.

Com relação à sensação sentida ao responder a algumas perguntas do questionário, 64% não concorda de forma nenhuma que houve desconforto e 23% concordam pouco que houve desconforto.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência contra crianças constitui um grave problema nacional que ultrapassa gerações, classe social, cultura, gênero e status socioeconômico, entretanto, em regiões socialmente vulneráveis do Brasil, é possível observar aspectos agravantes com relação à prática de maus-tratos. Compreender todas as dimensões da violência e, principalmente, ouvir as expectativas e concepções das crianças é fundamental para erradicá-la.

Em geral, é possível afirmar que o combate à violência contra as crianças configura uma tarefa compartilhada, na qual as suas percepções devem ser ouvidas e consideradas de forma conjunta com o papel dos adultos como agentes de proteção.

De forma sucinta, destacam-se os seguintes resultados coletados:

- Para 74,5% dos entrevistados, em seu país, a opinião de crianças é ouvida em questões que lhes dizem respeito. Entretanto, nas entrevistas de grupo, as crianças afirmaram que os pais, muitas vezes, não acreditam no que elas falam.
- De acordo com 83% das crianças entrevistadas, os adultos deveriam amar mais as crianças. É possível afirmar que um fator-chave na prevenção e no combate à violência é a oferta de atenção, apoio e carinho às criança, por parte dos adultos, reconhecendo os seus direitos.
- Mais de 30% acreditam que as crianças não são suficientemente protegidas contra a violência no país em que vivem e apenas 13% concordam plenamente na proteção das crianças.

- 78% das crianças afirmam que os pais sempre ou quase sempre as protegem. Nas entrevistas em grupo, os pais são citados como aqueles que mais protegem as crianças, principalmente na figura das mães. Os políticos aparecem como os que menos protegem as crianças em casos de violência.

- A maioria das crianças percebem as ruas da vizinhança, praças, parques e transporte público como lugares de maior risco de violência e, por isso, sentem-se mais inseguras principalmente em áreas mais vulneráveis socialmente. A casa em que as crianças moram é considerada por 55,5% delas como um lugar, sempre ou quase sempre, seguro.

- 82% dos respondentes concordam que é mais comum meninas sofrerem maus-tratos ou outras formas de violência do que os meninos. Especialmente nas localidades mais vulneráveis socialmente, em geral, as crianças não percebem diferença entre meninos e meninas. Elas entendem que são todos iguais e susceptíveis a diferentes situações de violência.Mais de 90% das crianças acreditam que devem procurar a ajuda de um adulto quando enfrentam uma situação de violência.

- Por fim, 52% não concordam com a ideia de que as crianças não podem fazer nada para pôr fim à violência. Nas entrevistas, foi possível observar que a atitude das crianças, seja de denúncia seja de organização, constitui um importante mecanismo para prevenir a violência.

ChildFund®
Brasil
Fundo para Crianças